



COLÔMBIA / Álvaro Uribe, que governou o país entre 2002 e 2010, começa a ser julgado por suborno de testemunhas em troca de silêncio sobre ligações com paramilitares. Se condenado, ex-líder de direita pode pegar até 12 anos de prisão

Um ex-presidente no banco dos réus

» RODRIGO CRAVEIRO

Com um iPad na mão e constrangido, Álvaro Uribe, 71 anos, era a sombra do estadista combativo e determinado a travar uma guerra contra as guerrilhas. Diante de jornalistas, em sua casa, em Antióquia (norocete), o homem que governou a Colômbia entre 2002 e 2010 resolveu falar pouco antes do início de seu julgamento penal. O ex-líder de direita tornou-se o primeiro ex-presidente da Colômbia a enfrentar um tribunal, sob a acusação de subornar testemunhas para que não revelassem suas supostas relações com paramilitares. Uribe leu um texto em sua defesa, no qual denunciou uma conspiração política e declarou inocência. "Horas antes de começar esse julgamento, afirmo que meus adversários políticos conseguiram converter-se em meus acusadores na Justiça", afirmou. "Repito, ante meus compatriotas, que jamais enganei a Justiça. (...) Minha vida pública não conhece a mentira."

Se condenado, Uribe poderá cumprir pena de seis a 10 anos de prisão. O julgamento de um dos homens mais influentes da Colômbia tem uma dose de ironia: ele tornou-se réu em uma ação judicial de sua autoria, que tramitou por 12 anos nos tribunais. Em 2012, dois anos depois de deixar a Casa de Nariño, sede do Executivo, o então senador Uribe entrou com uma denúncia contra o deputado esquerdista Iván Cepeda. Uribe acusou o congressista opositor de forjar testemunhos, na intenção de associá-lo com paramilitares que combatiam as guerrilhas de esquerda entre as décadas de 1990 e 2000.

A Suprema Corte da Colômbia isentou Cepeda de culpa e, seis anos depois, iniciou um inquérito contra Uribe pela mesma acusação. Em agosto de 2020, altos magistrados ordenaram a prisão domiciliar de Uribe, que foi obrigado a renunciar ao Senado. O processo foi encaminhado a uma Corte inferior, que cancelou a ordem de prisão e retomou o processo do zero.

Em sua mensagem à cidadania da Colômbia, Uribe desabafou: "Parece que as garantias não se aplicam para mim". "Negaram-me a presunção de inocência, o direito de me defender em liberdade. Se não conheciam, ou não acreditavam em meus antecedentes de pessoa de bem, ao menos deveriam observar meu comportamento durante 25 meses. Não tenho sido um perigo para a sociedade, não evitei a Justiça, nem a obstruí", declarou o ex-presidente. Durante a audiência de ontem, a defesa de Álvaro Uribe solicitou à Justiça a anulação de todo o processo.

Rafa Salafranca/AFP



O então presidente Uribe participa de cerimônia militar, em Bogotá, em 22 de maio de 2009: punhos de ferro contra as Farc e elos suspeitos com paramilitares

Mensagem ao povo colombiano



"Repito, ante meus compatriotas, que jamais enganei a Justiça"

"Parece que as garantias não se aplicam para mim"

"Negaram-me a presunção de inocência, o direito de me defender em liberdade"

"Não tenho sido um perigo para a sociedade, não evitei a Justiça, nem a obstruí"

No começo do processo judicial, a magistrada Sandra Heredia anunciou que recebeu um documento em que o Ministério Público acusa o ex-presidente de um complô para influenciar os testemunhos à Justiça de integrantes de

grupos paramilitares da extrema direita responsáveis por centenas de massacres no fim do século 20. Apesar de o documento da promotoria ser mantido em sigilo, a imprensa conseguiu acesso a alguns trechos, que mostram como Uribe

» Carro-bomba mata criança e fere três

Um atentado com carro-bomba, na região do Cauca (sudoeste), matou uma criança e deixou pelo menos três feridos. De acordo com o jornal *El Tiempo*, o Exército colombiano interceptou um áudio que implicaria integrantes da coluna "Dagoberto Ramos", da dissidência das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Na gravação, é possível escutar um homem comentando sobre a explosão. "Foi o que soou tão gostoso lá embaixo. (...) Tá bom, pronto, bom, me avisa que estou esperando para ver o que acontece", afirma um dos guerrilheiros no áudio.

caso reclamou, durante a audiência, que foi alvo de "perseguições" e "ameaças".

Alejandro Bohórquez-Keeney, professor de governança na Universidad Externado de Colombia (em Bogotá), explicou ao **Correio** que o julgamento penal de Uribe tem um componente político. "O atual presidente (Gustavo Petro) é de esquerda, e a Corte julga um ex-presidente de uma direita bastante marcada. Isso, com certeza, terá consequências políticas. É comum que presidentes que enfrentam julgamentos políticos ou penais saiam absolvidos. Será interessante ver o que ocorrerá com Uribe", afirmou. Ele disse que Uribe continua a usufruir de uma importante base eleitoral. "Seus seguidores acusarão perseguições e todo tipo de coisas. Uribe segue como uma figura política importante na Colômbia."

Em 10 de abril passado, Uribe chegou a classificar seu julgamento de produto de "vinganças políticas". "Esse juízo é antecipado por perseguições políticas, animosidades pessoais, vinganças políticas, sem provas que nos permitam inferir que eu estava tentando subornar (testemunhas) ou enganar a Justiça", disse o ex-presidente.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O "B" estuda seu lugar na sigla

A visita de Vladimir Putin colocou em evidência o avanço das relações entre Rússia e China nos últimos anos, mais acentuadamente nos dois anos desde que as tropas de Moscou invadiram a Ucrânia, em 2022. Submetido a seguidas baterias de sanções impostas pelos EUA e seus aliados europeus, o Kremlin impulsionou a "marcha para o Oriente". Hoje, tem no antigo rival da extinta União Soviética seu maior parceiro comercial, embora seja apenas o sexto no ranking da economia chinesa.

Pela perspectiva da diplomacia brasileira, a consolidação do eixo Moscou-Pequim tem diferentes implicações. Em primeiro lugar, sinaliza a afirmação de uma tendência mundial na direção de uma ordem multipolar — produto da influência crescente do chamado Sul Global. Ela se faz sentir, entre outros fatores, na recente ampliação do Brics, concluída no momento em que o

governo Lula busca caminhos para re-colocar o país no bloco, como parte da reinserção no cenário global, após quatro anos em que a política externa priorizou o alinhamento com Washington.

Negócios para todos

Não por acaso, é o gigante comunista da Ásia que puxa o trem econômico do bloco emergente — na marcha para disputar efetivamente com os EUA a liderança da economia mundial. Com a Rússia, por sinal, 90% das trocas são feitas nas moedas locais, colocando o dólar a escanteio. É na mesma linha que o regime de Pequim projeta a expansão de seus investimentos externos da Eurásia e África para as Américas, passando pelo Oriente Médio.

Para os destinos potenciais, o momento é de prospectar, estudar e definir oportunidades, assim como planejar

a efetivação dos negócios. Na planilha do Brics+, como foi batizado o bloco na versão estendida, o Brasil tem um horizonte claro de interesse no setor energético. Afora as reservas de petróleo e gás, pode disputar espaços no campo promissor das fontes renováveis.

China e Índia, dois sócios do Brics "raiz", são clientes do Kremlin na rubrica dos combustíveis fósseis. Mas não falta demanda para a produção esperada do pré-sal. Faltam conexões, tanto físicas quanto político-diplomáticas.

Mapa da China

O caminho passa pela definição, crucial, sobre a adesão do país à Iniciativa Cinturão e Rota, empreitada ambiciosa com a qual a China da era Xi Jinping busca relançar a milenar Rota da Seda. Foi por ela que o antigo império fez chegar mercadorias até a Europa, desde a antiguidade greco-romana — e, mais tarde, no Renascimento comercial europeu, simbolizado em

personagens como o mercador veneziano Marco Polo.

Conhecida pela sigla BRI (Belt and Road Initiative), a Nova Rota da Seda prevê investimentos de trilhões de dólares na construção de ferrovias, portos e outras obras de infra-estrutura. O traçado original se bifurca, hoje, em variantes na direção da Rússia e das ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central; da Península Arábica e do Norte da África, e dali para o Mediterrâneo e o Atlântico.

Entre os 150 países que aderiram à Iniciativa, em diferentes graus, 22 estão na América Latina/Caribe. Entre eles, Chile e Equador, vizinhos sul-americanos do Pacífico, e o Panamá, que abriga o estratégico canal interoceânico.

Jogo de cena

No que diz respeito ao Cinturão e Rota, Brasil e Índia são os dois Brics históricos que mantêm reticências. A Índia coleciona com a China rivalidades e disputas milenares, que se desdobraram na

aliança com Moscou durante a Guerra Fria e o conflito sino-soviético dos anos 1960-70. Mais recentemente, o governo nacionalista hindu de Narendra Modi aprofundou a cooperação com os EUA, que inclui a proposta de uma iniciativa comercial concorrente à chinesa, embora de alcance mais restrito.

Brasil e Índia compartilham também, no momento, um perfil mais discreto no conflito entre Israel e Palestina. Embora tenha retirado o embaixador de Tel Aviv, em meio a uma troca de farpas, o governo Lula desde então tem evitado se pronunciar com maior desenvoltura.

Os demais três sócios fundadores, ao contrário, multiplicam as manifestações públicas contra a ofensiva israelense sobre a cidade de Rafah, em Gaza. Em Pequim, Putin e Xi divulgaram declaração conjunta pedindo uma "solução política urgente". A África do Sul, que denunciou Israel à Corte Internacional de Justiça por genocídio, voltou à carga: pede que o tribunal ordene a suspensão das operações militares no território.